

O FUTURO É ANCESTRAL: A CONVERGÊNCIA ENTRE AS LENDAS DA SERRA DO ITAQUERI E A HISTÓRIA DO FILHO DE WILLIAM SHAKESPEARE NO FILME HAMNET

Fabiano Tovar Garcia LIPORONI, (UFSCar)¹

Resumo: O presente artigo propõe análise da convergência narrativa entre lendas da Serra do Itaqueri — especificamente os mitos de Antonio Madaleno e da Menina do Coquinho — e a narrativa ficcionalizada de Hamnet Shakespeare no filme Hamnet (CHLOÉ ZHAO, 2025). Fundamentado no conceito de "tempo ancestral" de Ailton Krenak, o trabalho investiga como narrativas separadas por séculos e continentes convergem em um "mundo narrativo" (SCOLARI, 2015) comum. Através da ótica da transmídia e da transficcionalidade (RYAN, 2013), discute-se como o passado projeta-se como o futuro do presente tecnológico, culminando na proposta de um ecossistema midiático que inclui documentário, ficção e instalações imersivas.

Palavras-chave: Narrativa Transmídia; Ancestralidade; Serra do Itaqueri.

Abstract: This article proposes analysis of the narrative convergence between legends from Serra do Itaqueri — specifically the myths of Antonio Madaleno and "Menina do Coquinho" — and the fictionalized narrative of Hamnet Shakespeare in the film Hamnet (CHLOÉ ZHAO, 2025). Grounded in Ailton Krenak's concept of "ancestral time," the study investigates how narratives separated by centuries and continents converge into a common "narrative world" (SCOLARI, 2015). Through the lenses of transmedia and transfictionality (RYAN, 2013), discusses how the past projects itself as the future of the technological present, culminating in the proposal of a media ecosystem including documentary, fiction, and immersive installations.

Keywords: Transmedia Narrative; Ancestrality; Serra do Itaqueri

1. INTRODUÇÃO: A FLECHA DO TEMPO EM CURVA

Ailton Krenak, em sua obra *O Futuro é Ancestral*, provoca uma ruptura necessária na visão linear e eurocêntrica do tempo. Para Krenak, o futuro não é um horizonte distante e inexplorado, mas um desdobramento das sabedorias que já residem na terra e nos antepassados. Sob essa premissa, este artigo estabelece um diálogo improvável, porém ontologicamente sólido, entre o interior da Inglaterra do século XVI e o interior paulista do início do século XX.

O objetivo é demonstrar que a história de Hamnet Shakespeare — o menino que, em um ato de amor metafísico, troca de lugar com a morte para salvar sua irmã gêmea Judith — ressoa com a mesma frequência vibratória da lenda de Antonio Madaleno na Serra do Itaqueri. Madaleno, ao isolar-se com a irmã doente para salvá-la da lepra, acaba por

¹ Mini currículo em até 3 (três) linhas por autor ou coautor, corpo 10, espaço entrelinhas simples (1,0), justificado; informar titulação, instituição a que está vinculado, e o endereço eletrônico para contato (e-mail) - em itálico.

absorver a enfermidade e o destino final, quando ele morre “no lugar” dela. Ambas as histórias tratam do **sacrifício como tecnologia de cura**.

Utilizando os conceitos de Cultura da Convergência (JENKINS, 2015) e Mundos Narrativos (SCOLARI, 2015), propomos que essas histórias não são apenas relatos do passado, mas componentes de um universo transmídia em construção para o ano de 2026, onde o "viver" a história supera o simples "ouvir" a história.

2. A TRANSFICCIONALIDADE E O SACRIFÍCIO ESPELHADO

Marie-Laure Ryan (2013) define a transficcionalidade como a migração de elementos (personagens, mundos, tramas) através de diferentes textos e plataformas. No caso deste estudo, a "migração" ocorre no nível do **arquétipo**.

2.1 O "Hamnet" de Shakespeare e o "Madaleno" de Itaqueri

No filme *Hamnet* (CHLOÉ ZHAO, 2025), o filho do bardo inglês opera uma transferência mística da doença. Ao fazer isso, ele permite que a irmã viva, gerando o luto que daria origem a *Hamlet*, uma obra que, conforme Eco (1994) sugeriria em seus "passeios pelo bosque da ficção", expande a realidade histórica para o mito.

Paralelamente, Antonio Madaleno na Serra do Itaqueri executa o mesmo movimento. Ele se torna o "milagreiro", o protetor das grávidas e dos recém nascidos, transformando sua morte solitária em uma vida coletiva através da onomástica (os inúmeros "Antonios Madalenos" que caminham hoje por Itaqueri da Serra). Aqui, a narrativa deixa de ser apenas textual para se tornar biológica e social. Como afirma Massarolo (2013), "o **storytelling transmídia** permite que a narrativa se espalhe pela vida cotidiana", tornando o vilarejo de Itaqueri um cenário imersivo por excelência.

3. O MUNDO NARRATIVO: CONVERGÊNCIA E IMERSÃO

Para que essa teoria faça sentido acadêmico, é preciso entender o conceito de *Mundos Narrativos* de Scolari (2015). O autor defende que os consumidores contemporâneos não buscam apenas uma história, mas a entrada em um universo.

Ao conectar a Menina do Coquinho — cuja morte engasgada gera uma palmeira (o humano que vira natureza, puro Krenak) — com o sacrifício de Hamnet, criamos uma "imersão em realidades ficcionais" (MASSAROLO; MESQUITA, 2014). O visitante do

Museu Gustavo Teixeira ou o espectador do curta-metragem não estará apenas vendo um documentário ou interagindo em uma imersão no Museu; ele estará habitando um espaço onde o tempo é circular.

A proposta de produção do material amplo sobre a Serra do Itaqueri utiliza a lógica do *branding* e da produção de mídia contemporânea para transformar lendas locais em um ecossistema de conteúdo que utiliza:

Curta Ficção: A interpretação mítica da ancestralidade.

Vídeo de Intersecção: A ponte teórica entre a Serra de Itaqueri e Stratford-upon-Avon.

Como apontam Bonfim, Morgado e Pedrosa (2023), os métodos para criação de narrativas imersivas exigem essa sobreposição de camadas que permitem ao sujeito "sentir" a história. E segundo Fernanda Castilho, "as narrativas digitais funcionam como dispositivos de inscrição da memória, permitindo que sujeitos historicamente marginalizados registrem e tornem visíveis suas experiências" (CASTILHO, 2019, p. 82).

4. O PRAZER DO TEXTO E O BOSQUE DA MEMÓRIA

Roland Barthes (2013), em *O Prazer do Texto*, diferencia o texto de prazer do texto de fruição. A conexão entre Shakespeare e a Serra do Itaqueri causa essa "fruição": um estado de perda de identidade onde o leitor/espectador se vê confrontado com a sua própria ancestralidade.

O "bosque da ficção" de Umberto Eco (1994) é, neste artigo, a própria Serra do Itaqueri. Ao caminhar entre as sepulturas da Menina do Coquinho e de Antonio Madaleno, o pesquisador/cineasta funciona como o leitor modelo que descobre que as regras do mundo da Inglaterra elisabetana são as mesmas regras do interior paulista: a morte nunca é o fim, mas uma mudança de plataforma narrativa.

5. METODOLOGIA: A CARTOGRAFIA DO TEMPO ANCESTRAL EM ITAQUERI DA SERRA

A metodologia aplicada nesta investigação distancia-se da observação passiva para adotar a perspectiva da **Pesquisa-Criação**, onde a produção do objeto audiovisual e a reflexão teórica caminham em simbiose. Para mapear a convergência entre o universo de

Shakespeare e a Serra do Itaqueri, o processo foi estruturado em três frentes metodológicas integradas: a imersão etnográfica, o design de narrativa transmídia e a experimentação estética.

5.1 Imersão e Coleta: O Território como Documento

A base do trabalho reside no vilarejo de Itaqueri da Serra e sua população de 28 habitantes. A metodologia de coleta de dados baseou-se no que Ailton Krenak define como a escuta da terra. Se "o futuro é ancestral", os relatos sobre Antonio Madaleno e a Menina do Coquinho não são apenas folclore, mas dados vivos que residem na memória biológica dos moradores.

Nesta etapa, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com foco na **onomástica e na promessa**. A identificação de "Antônios Madalenos" vivos em São Pedro serviu como prova empírica da persistência da narrativa através das gerações. Como afirma Jenkins (2015), a cultura da convergência também ocorre no nível popular, onde o público (neste caso, os fiéis e moradores) se apropria da história e a expande através de rituais e nomes, criando uma forma rudimentar, porém potente, de conteúdo gerado pelo usuário.

5.2 Design Narrativo e Estrutura Transmídia

Para dar conta da complexidade da intersecção entre o Brasil e a Inglaterra, adotou-se o modelo de **Mundo Narrativo** proposto por Scolari (2015). A metodologia de criação transmídia não buscou apenas "adaptar" a história de Hamnet, mas sim encontrar o ponto de **transficcionalidade** (RYAN, 2013) onde as duas lendas se tornam uma só.

A arquitetura do projeto foi desenhada para operar em múltiplas janelas:

O Documentário (Nível Realista): Registro dos 28 habitantes, de ex moradores e do cemitério, servindo como a "âncora de realidade".

A Ficção (Nível Mítico): Utilização dos próprios moradores como atores de suas ancestralidades, aplicando o conceito de "o prazer do texto" de Barthes (2013), onde o corpo do narrador se torna o próprio texto.

O Vídeo de Intersecção (Nível Teórico-Poético): Um ensaio audiovisual que utiliza a montagem para sobrepor imagens da Serra do Itaqueri e cenas que remetem ao filme *Hamnet*, evidenciando o sacrifício fraternal, além de utilizarmos imagens do próprio filme *Hamnet*.

5.3 Imersão e Fruição Estética

A etapa final da metodologia consiste na análise da **imersão em realidades ficcionais** (MASSAROLO; MESQUITA, 2014). Através da produção de um material audiovisual amplo, buscarei entender como o espectador de 2026 reage à quebra da linearidade temporal.

A pesquisa utiliza os métodos de criação de narrativas imersivas descritos por Bonfim, Morgado e Pedrosa (2023) para garantir que a interatividade não seja apenas tecnológica, mas emocional. Ao confrontar o público com o fato de que a morte de Hamnet em 1596 e a de Antonio Madaleno em 1910 são "o futuro do nosso presente", a metodologia busca validar a premissa de Krenak de que o tempo não é uma linha, mas um rio que retorna à nascente.

6. O SACRIFÍCIO TRANSFICCIONAL: DE STRATFORD-UPON-AVON À SERRA DO ITAQUERI

A análise estética da convergência entre as duas narrativas revela que o sacrifício fraternal não é apenas um tema, mas um dispositivo de **transficcionalidade** (RYAN, 2013). Ao compararmos a obra audiovisual *Hamnet* com a iconografia da Serra do Itaqueri, percebemos que ambas operam sob a lógica do "corpo substituto".

6.1 A Estética da Troca no Filme *Hamnet*

Figura 1 - Hamnet entrega sua vida para salvar a irmã doente



Fonte: filme *Hamnet* (Chloé Zhao, 2025)

No filme, a cena culminante da troca da doença é construída através de uma atmosfera de realismo mágico. Hamnet Shakespeare, ao observar o definhamento da irmã gêmea Judith, realiza um pacto silencioso com o destino. A estética aqui é de uma "imersão profunda" (MASSAROLO; MESQUITA, 2014), onde o som da respiração ofegante e a luz bruxuleante das velas criam o que Barthes (2013) chamaria de "o prazer do texto" visual — um momento de suspensão onde a morte é aceita como um ato de amor criativo.

Essa imagem é o espelho exato do sacrifício de Antonio Madaleno. Se em Shakespeare o sacrifício gera o luto que se tornará a peça *Hamlet*, em Itaqueri, o sacrifício gera o mito que se tornará a esperança e a cura para as mães da região.

6.2 A Iconografia da Devoção: O Túmulo e a Capela de Madaleno

Diferente da ficção cinematográfica do garoto Hamnet, a narrativa de Antonio Madaleno materializa-se na pedra e na cal. A estética da capela construída no local onde ele morreu isolado e o seu túmulo no cemitério de Itaqueri funcionam como **âncoras narrativas** de um mundo transponível. Como aponta Scolari (2015), o território físico torna-se parte da estratégia de branding da memória coletiva.



Figura 2: Túmulo de Antonio Madaleno no Cemitério de Itaqueri da Serra

Fonte: Arquivo pessoal

A capela, em sua simplicidade arquitetônica, é o cenário de uma "performance de fé" contínua. Seu túmulo frio coberto de azulejos, sem identificação no cemitério de Itaqueri onde as grávidas deixam seus pedidos e promessas estão, na verdade, participando de uma expansão narrativa: elas trazem o passado de 1910 para o presente biológico de seus filhos.

6.3 Convergência e Ancestralidade: O Tempo Circular

Ao sobrepor as imagens do filme *Hamnet* às fotos do túmulo de Madaleno, o projeto transmídia executa o que Krenak define como a "presença do ancestral". Não há uma distância linear entre o menino inglês do século XVI e o jovem paulista do século XX; ambos ocupam o mesmo **mundo narrativo** (SCOLARI, 2015) de auto sacrifício pela preservação da linhagem.

A morte de Madaleno, ao absorver a lepra da irmã, ecoa a morte de Hamnet, que absorve a peste de Judith. Essa convergência é o que permite este trabalho de Mestrado Profissional propor que o "futuro é ancestral". No documentário ficcional, ao filmar

alguns dos 28 habitantes caminhando por esses espaços, espero capturar o que Umberto Eco (1994) descreve como a caminhada pelo "bosque da ficção": o espectador deixa de ser um observador externo e passa a habitar a lenda.

Figura 3 - O arquétipo do sacrifício fraternal



Fonte - filme *Hamnet* (Chloé Zhao, 2025) / Arquivo pessoal

6.4 A Transmídia como Resgate da Memória Viva

A proposta de produzir um vídeo específico da intersecção entre Shakespeare e Itaqueri utiliza a técnica da **montagem dialética**. Ao alternar o rosto do ator que interpreta Hamnet com os rostos dos "Antonios Madalenos" vivos encontrados em Itaqueri, a narrativa transmídia prova sua eficácia. Ela não apenas informa, ela **imerge** o sujeito em uma continuidade temporal onde o passado é o combustível para o futuro (BONFIM; MORGADO; PEDROSA, 2023).

7. A MENINA DO COQUINHO E A PALMEIRA: A NARRATIVA QUE CRIA RAÍZES

Se as histórias de Antonio Madaleno e de Hamnet Shakespeare tratam do sacrifício fraternal, a lenda da Menina do Coquinho na Serra do Itaqueri introduz uma camada

fundamental para a compreensão do "futuro ancestral": a metamorfose do humano em natureza, a convergência definitiva.

7.1 A Morte como Germinação

A lenda narra que uma menina morreu engasgada com um coquinho no início da década de 1950. De sua sepultura, brotou uma palmeira que persiste até hoje. Sob a ótica de Krenak (2024), esse evento não é uma anomalia, mas a confirmação de que "a terra é um organismo vivo e memorioso". A palmeira não apenas marca o local do túmulo; ela é a própria narrativa em estado de fotossíntese.

No contexto da **Cultura da Convergência** (JENKINS, 2015), podemos interpretar a palmeira como um "ponto de entrada" físico para o mundo narrativo da Serra. Ela funciona como um objeto transponível que dispensa telas: o visitante toca a árvore e, ao fazê-lo, acessa a base de dados da memória coletiva de Itaqueri.

7.2 Imersão e o Tempo da Natureza

Massarolo e Mesquita (2014) discutem a imersão como a capacidade de um sujeito se sentir presente em um mundo ficcional. No caso de Itaqueri, a imersão é potencializada pela **indexicalidade** do local. Ao contrário do filme *Hamnet*, onde a imersão ocorre pela suspensão da descrença diante da tela, na Serra a imersão é sensorial. O cheiro da terra, o som do vento na palmeira e a materialidade da sepultura criam uma "realidade ficcional" onde o passado de 1950 é o presente absoluto.

Aqui, o conceito de "Seis passeios pelo bosque da ficção" de Umberto Eco (1994) ganha contornos literais. O "bosque" de Itaqueri é um texto vivo. A palmeira é um signo que exige interpretação: ela é o desdobramento da sabedoria ancestral que Krenak defende. Ela prova que o futuro (a continuidade da vida da árvore) está intrinsecamente ligado ao ancestral (o corpo da menina).

7.3 Transmídia e a "Natureza que Fala"



Figura 4 - Túmulo da Menina do Coquinho

Fonte: Arquivo pessoal

Neste projeto de Mestrado, a inclusão da Menina do Coquinho no material audiovisual amplo opera como uma estratégia de **transmídia orgânica**. Enquanto o documentário registra o fato histórico e a fé local, o curta de ficção vai explorar o ponto de vista da "palmeira-menina".

Como apontam Bonfim, Morgado e Pedrosa (2023), as narrativas imersivas contemporâneas buscam quebrar a barreira entre observador e objeto. Ao filmar a palmeira com técnicas de macro fotografia, alternando com imagens de arquivos de família e/ou ilustrações que remetam à década de 1950, pretendo criar um ecossistema

onde o espectador "engasga" com a história, sentindo a mesma urgência e a mesma transcendência da personagem original.

7.4 A Convergência com *Hamnet*: O Legado que Permanece

A conexão final com o universo shakespeariano reside na ideia de que nada se perde. Hamnet morre para que a arte (Hamlet) nasça; a Menina do Coquinho morre para que a natureza (a palmeira) se manifeste; Antonio Madaleno morra para que os outros Antonios Madalenos vivam. Em ambos os casos, a "ancestralidade" é a garantia de que o futuro terá um alicerce.

O trabalho transmídia proposto é, em última análise, a ferramenta que permite que essas duas sementes — a inglesa e a paulista — floresçam no mesmo jardim da memória audiovisual. Como diria Barthes (2013), o "prazer do texto" aqui é o prazer da descoberta de que somos todos feitos da mesma matéria mítica, seja na névoa de Stratford-upon-Avon ou na poeira da Serra do Itaqueri.

8. OS 28 DE ITAQUERI: O CORPO COMO PLATAFORMA E INTERFACE NARRATIVA

Em uma estrutura transmídia convencional, as plataformas costumam ser digitais ou analógicas (telas, livros, games). No projeto "O Futuro é Ancestral", proponho que os **28 habitantes remanescentes do vilarejo de Itaqueri da Serra** funcionem como "plataformas vivas". Eles são os detentores do código-fonte da memória e, ao participarem do curta-metragem de ficção, operam uma transição do real para o mítico.

8.1 O Morador como "Prosumer" Ancestral

Segundo Jenkins (2015), na cultura da convergência, a barreira entre produtores e consumidores é rompida. No caso de Itaqueri, os moradores não são apenas o "tema" do documentário; eles são cocriadores da própria lenda. Quando um habitante conta a história de Antonio Madaleno para a câmera, ele está realizando um ato de *branding* da memória (SCOLARI, 2015).

O corpo envelhecido, a voz marcada pelo sotaque do interior e o gesto de apontar para a Serra são interfaces de imersão que nenhuma tecnologia de Inteligência Artificial ou de Realidade Virtual poderia replicar com a mesma eficácia. Como aponta Barthes

(2013), o "prazer do texto" está na carne: é a voz que traz a fruição. O morador de Itaqueri é, portanto, o texto vivo que o espectador de 2026 é convidado a ler.

Ao utilizar os moradores no curta de ficção, o projeto aplica os conceitos de Bonfim, Morgado e Pedrosa (2023) sobre a criação de narrativas imersivas. A imersão não decorre de efeitos especiais, mas da **autenticidade**. Quando um desses 28 habitantes interpreta o luto ou a fé, ele não está simulando; ele está performando um arquétipo que ele carrega no sangue. Quando um morador vivo chamado Antonio Madaleno conta sua história e a história de seu nome, a performance atinge níveis esotéricos.



Figura 5 - Antonio Madaleno, morador de Itaqueri da Serra

Fonte: Arquivo pessoal

Essa escolha estética cria o que Massarolo e Mesquita (2014) chamam de "realidade ficcional". O espectador sabe que aquelas pessoas são reais, mas a narrativa as transporta para o plano da lenda. É o mesmo movimento feito no filme *Hamnet*: a reconstrução de um passado para explicar um sentimento presente. Em Itaqueri, os moradores são os tradutores desse tempo circular onde 1580, 1910 e 2026 coabitam.

8.3 O Vídeo de Intersecção: A Ponte Final

A produção do material audiovisual que cruza a lenda da Serra com a lenda de Shakespeare serve como o fechamento lógico desse ecossistema. Se a transmídia é, por definição, a dispersão de uma história por múltiplos canais (MASSAROLO, 2013), o vídeo de intersecção é o **ponto de convergência teórica**.

Neste material, a montagem dialética coloca o morador de Itaqueri em "diálogo" com o personagem de Shakespeare. Essa técnica evidencia que o "Futuro é Ancestral": as preocupações do homem do século XVI sobre a morte e o legado são as mesmas do morador de Itaqueri no século XXI. A transmídia, aqui, cumpre seu papel social mais nobre: o de garantir que a história de um pequeno vilarejo paulista tenha a mesma relevância universal que a maior tragédia da literatura inglesa.

9. CONCLUSÃO: O REENCONTRO NO PRESENTE DE 2026

Este artigo buscou demonstrar que a teoria da convergência não se limita à tecnologia, mas expande-se para a ontologia do ser. Através da análise de *Hamnet* e das lendas da Serra do Itaqueri, ficou evidente que os sacrifícios de Hamnet Shakespeare e de Antonio Madaleno e a germinação da Menina do Coquinho são manifestações de uma sabedoria ancestral que Ailton Krenak nos convoca a ouvir.

O projeto transmídia — composto pelo documentário, pela ficção e pela instalação — não é apenas um exercício acadêmico para o Mestrado Profissional da UFSCar. É uma intervenção no tempo. Ao conectarmos o interior paulista ao interior da Inglaterra, provamos que a memória é o único território que não conhece fronteiras.

Como vaticinou Umberto Eco (1994), ao sairmos do bosque da ficção, nunca somos os mesmos. Ao sair da Serra do Itaqueri após o contato com estas histórias, o espectador de 2026 terá compreendido que o futuro não é o que vem depois, mas o que sobrevive de antes. O cinema, em sua potência máxima de arquivo vivo, é a palmeira que nasce no túmulo do tempo para nos lembrar que ainda estamos aqui, contando histórias.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BONFIM, Cristiane Jorge de Lima; MORGADO, Leonel; PEDROSA, Daniela Cristina Carneiro. Métodos para criação de narrativas imersivas: uma revisão de revisões da literatura. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 119-130, fev. 2023.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2015.
- KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2024.
- MASSAROLO, João Carlos. Storytelling transmídia: narrativa para múltiplas plataformas. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, v. 1, n. 2, p. 10-25, 2013.
- MASSAROLO, João; MESQUITA, Dário. Imersão em realidades ficcionais. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 29, n. 1, p. 46–64, abr. 2014.
- RYAN, Marie-Laure. Narrativa transmídia e transficcionalidade. **Celeuma**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 96-128, 2013.
- SCOLARI, Carlos Alberto. Narrativas Transmídia: consumidores implícitos, mundos narrativos e branding na produção de mídia contemporânea. **Parágrafo**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 7-20, jan./jun. 2015.